

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - LICENCIATURA

GEIVA LOPES SOARES

**Entre o lixo e a memória: uma análise dos diários de Indi e Carolina
Maria de Jesus sob a perspectiva da História da Educação (1950)**

UBERLÂNDIA-MG
2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - LICENCIATURA

GEIVA LOPES SOARES

**Entre o lixo e a memória: uma análise dos diários de Indi e Carolina
Maria de Jesus sob a perspectiva da História da Educação nos anos
de 1950**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação
em História – Licenciatura da
Universidade Federal de
Uberlândia, como requisito parcial
para obtenção do título de
Licenciada em História, sob a
orientação da Profa. Dra. Iara
Toscano Correia.

UBERLÂNDIA-MG
2026

GEIVA LOPES SOARES

**Entre o lixo e a memória: uma análise dos diários de Indi e Carolina
Maria de Jesus sob a perspectiva da História da Educação nos anos
de 1950**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso
de Graduação em História – Licenciatura da
Universidade Federal de Uberlândia, como requisito
parcial para obtenção do título de Licenciada em
História.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Iara Toscano Correia
Universidade Federal de Uberlândia
Orientadora

Prof. Dr. Gilberto César de Noronha
Instituição Universidade Federal de Uberlândia

Profa. Dra. Nara Rúbia de Carvalho Cunha
Instituição Universidade Federal de Uberlândia

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho representa muito mais do que o encerramento de uma etapa acadêmica. Ela simboliza um recomeço, resultado de uma trajetória construída com perseverança, aprendizado e a certeza de que nunca é tarde para seguir um sonho.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Iara Toscano, pela orientação, pela confiança e pelas valiosas contribuições que tornaram possível a realização desta pesquisa. Estendo minha gratidão aos professores do Curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, que, ao longo da graduação, contribuíram para minha formação acadêmica e humana.

Aos amigos e à minha família, agradeço pelo apoio, pelo incentivo e pela presença nos momentos mais desafiadores desta caminhada.

Registro ainda minha gratidão a Indi, cuja sensibilidade ao registrar sua vida em um diário permitiu que esta pesquisa fosse realizada. Seus escritos, preservados apesar do tempo e do acaso, reafirmam a importância da memória, dos escritos pessoais e das histórias que, muitas vezes, permanecem à margem dos registros oficiais. Da mesma forma, agradeço a Carolina Maria de Jesus, cuja escrita continua inspirando pesquisadores e demonstrando a força da palavra como forma de resistência, denúncia e transformação social.

Ao olhar para toda essa trajetória, agradeço também a mim mesma pela coragem de continuar quando tudo parecia indicar que seria mais fácil desistir. Pela determinação de transformar dificuldades em aprendizado, dores em força e obstáculos em oportunidades de crescimento. Esta conquista é resultado da persistência, da esperança e da confiança de que o conhecimento tem o poder de transformar vidas.

Por fim, agradeço à vida, que me ensinou que recomeçar também é uma forma de resistência. Cada dificuldade enfrentada contribuiu para construir a trajetória que hoje se concretiza neste trabalho, tornando esta conquista ainda mais significativa.

RESUMO

O artigo analisa, sob a perspectiva da História da Educação, dois diários produzidos na década de 1950: o manuscrito inédito de Indiara Artiaga, encontrado em uma caixa de lixo em Uberlândia, e a obra "Quarto de Despejo", de Carolina Maria de Jesus. A pesquisa investiga como esses registros de "escritas ordinárias" funcionam como fontes históricas capazes de revelar dimensões da experiência humana que escapam aos documentos oficiais. Metodologicamente, o estudo utiliza o paradigma indiciário de Carlo Ginzburg para interpretar vestígios como caligrafia, desenhos e referências literárias nos textos. Enquanto o diário de Indiara reflete a formação de uma jovem de elite, com domínio de idiomas e acesso à cultura erudita, que vivia em Uberlândia-MG nos anos de 1950, o relato de Carolina denuncia a fome e a exclusão social vividas por uma mulher negra na favela do Canindé em São Paulo. A fundamentação teórica baseia-se em Philippe Lejeune e Philippe Artières para discutir a construção da subjetividade e a preservação da memória pessoal. O trabalho evidencia que a educação transcende o ambiente escolar formal, ocorrendo em práticas cotidianas de leitura, escrita e resistência política. A comparação entre as trajetórias destaca as profundas desigualdades de classe e gênero na sociedade brasileira de meados do século XX. Conclui-se que ambos os diários, apesar de destinos documentais opostos (o descarte casual e o reconhecimento editorial), serviram como instrumentos vitais de afirmação identitária para suas autoras. Assim, a pesquisa contribui para uma historiografia sensível às vozes marginalizadas e aos processos educativos não formais desenvolvidos fora das instituições. Ao aproximar estas duas realidades sociais distintas, o estudo demonstra o valor do vestígio na reconstrução das memórias femininas. O resultado final reforça o papel fundamental das fontes autobiográficas para a compreensão plural e democrática da história educativa brasileira

Palavras-chave: História da Educação. Escritas de si. Diários pessoais.

ABSTRACT

This article analyzes, from the perspective of the History of Education, two diaries produced during the 1950s: the unpublished manuscript by Indiara Artiaga, found in a discarded box in Uberlândia, and the work *Child of the Dark: The Diary of Carolina Maria de Jesus* (original title: *Quarto de Despejo*), by Carolina Maria de Jesus. The research investigates how these records of ordinary writing function as historical sources capable of revealing dimensions of human experience that are absent from official documents. Methodologically, the study adopts Carlo Ginzburg's evidential paradigm to interpret traces such as handwriting, drawings, and literary references found in the texts. While Indiara's diary reflects the education of a young woman from the elite, proficient in foreign languages and with access to high culture, living in Uberlândia, Minas Gerais, during the 1950s, Carolina's account exposes the hunger and social exclusion experienced by a Black woman living in the Canindé favela in São Paulo. The theoretical framework is based on Philippe Lejeune and Philippe Artières, whose works discuss the construction of subjectivity and the preservation of personal memory. The study demonstrates that education extends beyond the formal school environment, taking place through everyday practices of reading, writing, and political resistance. The comparison between the two life trajectories highlights the profound class and gender inequalities that characterized Brazilian society in the mid-twentieth century. It concludes that, despite their opposite documentary destinies—one being casually discarded and the other achieving editorial recognition—both diaries served as vital instruments of identity affirmation for their authors. Therefore, this research contributes to a historiography that is attentive to marginalized voices and to non-formal educational processes developed outside institutional settings. By bringing together these two distinct social realities, the study demonstrates the value of documentary traces in reconstructing women's memories. The findings reinforce the fundamental role of autobiographical sources in promoting a plural and democratic understanding of the history of Brazilian education.

Keywords: History of Education. Self-writing. Personal diaries.

1- Introdução

Os diários pessoais constituem importantes fontes de registro da experiência humana, pois reúnem narrativas íntimas, percepções subjetivas e relatos do cotidiano que revelam aspectos sociais, históricos e culturais de determinada época. Ao registrar a vivência individual, esses escritos possibilitam a compreensão de realidades que frequentemente não aparecem em documentos oficiais. De acordo com Cunha, 2009:

“Formas de inscrição, os diários pessoais são fontes, chamadas de escritas ordinárias, que permitem aos historiadores rastrear muitas das maneiras de viver e de pensar de determinada época, dadas a ver, no tempo presente.” (CUNHA, 2009, p.245)

Maria Teresa Santos Cunha (2009) denomina esses registros de escritas ordinárias¹, produzidas por pessoas comuns sem intenção de publicação. Segundo a autora, esses documentos permitem aos historiadores compreender modos de viver, pensar e sentir de determinada época, ampliando as possibilidades de investigação da cultura da escrita e social.

Os diários pessoais configuram-se como objetos relevantes de investigação nas áreas das Ciências Humanas e Sociais, uma vez que articulam memória, identidade e linguagem. Ainda que marcados pela subjetividade, os diários não se restringem ao âmbito privado, podendo revelar práticas sociais, relações de poder e condições materiais de existência.

“O trabalho com os diários pessoais exige do pesquisador um exercício interpretativo diferenciado, pois irá lidar com papéis que venceram, o tempo, o fogo e, muitas vezes, até o lixo. Seguramente, não são muitos os exemplares que escapam a esse destino.” (CUNHA, 2009, p. 245)

A presente pesquisa tem como objetivo analisar dois diários pessoais distintos. O primeiro diário de Indi, encontrado em 1999² entre objetos descartados no lixo de uma

¹ As escritas ordinárias, também chamadas de escritas sem qualidades são aquelas realizadas pelas pessoas comuns e que se opõem aos escritos prestigiados, elaborados com vontade específica de “fazer uma obra” para ser impressa. Ver Daniel Fabre (Org.), *Écriture ordinaires*, Paris, Centre Georges Pompidou, Bibliothèque Publique d’Information, 1993.

² Em 1999 mudei para Uberlândia-MG, sem lugar fixo para morar vagava pelas ruas da cidade, ora dormia na casa de algum conhecido, ora dormia na casa de outro conhecido, enquanto procurava trabalho percorria muitas ruas, não lembro exatamente o lugar onde encontrei a caixa que estava os diários, só lembro de passar em frente a uma residência grande e bonita quando vi no lixo a caixa e a peguei, não sabia o que

residência, no centro da cidade de Uberlândia, eram alguns cadernos costurados à mão e estavam dentro de uma caixa gasta, cobertos de pó. Ao abrir um dos diários deparei-me com uma caligrafia firme e bonita, suas páginas, adornadas com desenhos feitos pela própria autora (desenhos de flores, arabescos, silhuetas.) As páginas eram datadas do ano de 1954.



[Print do diário de Indi, pag.2]

O segundo diário a ser analisado é a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus, publicada em 1960, que se tornou um best-seller e um marco da literatura brasileira ao retratar o cotidiano da favela a partir da perspectiva de uma mulher negra e pobre.

A relevância deste estudo justifica-se pela comparação entre dois registros autobiográficos – o diário de Indira e a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* –, ambos redigidos na década de 1950. De acordo com Audálio Dantas, em 1955 Carolina deu início ao seu diário, que, cinco anos depois, seria publicado como seu

tinha dentro, foi a caixa que me chamou atenção.

primeiro livro, *Quarto de Despejo*.

A história da favela que eu buscava estava escrita em uns vinte cadernos encardidos que Carolina guardava em seu barraco. Li, e logo vi: repórter nenhum, escritor nenhum poderia escrever melhor aquela história – a visão de dentro da favela.

Da reportagem – reprodução de trechos do diário – publicada na *Folha da Noite*, em 1958, e mais tarde (1959) na revista *O Cruzeiro*, chegou-se ao livro em 1960." (DANTAS, 2014, p. 6).

Embora ambos sejam escritos autobiográficos produzidos em um mesmo contexto histórico, os dois diários ocupam lugares sociais opostos no que se refere à sua visibilidade e legitimação. Enquanto um diário permaneceu anônimo e, por fim, foi descartado no lixo, o outro alcançou reconhecimento editorial, literário e de público. Tal contraste permite discutir como fatores sociais, culturais e econômicos influenciam a produção, a circulação e a preservação dessas escritas autobiográficas, revelando as experiências de duas mulheres que ocuparam posições muito distintas na sociedade brasileira.

Dessa forma, a problemática que orienta esta pesquisa consiste em compreender de que maneira os diários pessoais podem ser utilizados como fontes da historiografia para a pesquisa e a história da educação escolar. Questiona-se como esses registros individuais podem revelar dimensões coletivas da realidade social e como os contextos de produção e circulação são reveladores das realidades específicas de suas autoras e de como elas nos permitem enxergar contextos históricos específicos, mas que podem servir como panorama para se refletir sobre as realidades de mulheres que viveram por volta dos anos de 1950, como Indi e Carolina.

O objetivo geral da pesquisa foi analisar comparativamente os dois diários pessoais, considerando suas contribuições para a compreensão da experiência humana e das desigualdades sociais. Como objetivos específicos, buscou-se analisar o conteúdo e o contexto de produção do diário encontrado no lixo e analisar a obra *Quarto de Despejo*, comparando os dois diários, buscando evidenciar semelhanças e diferenças, além de discutir as potencialidades e limitações dos usos de diários pessoais como fontes para o ensino e a pesquisa histórica.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter documental e comparativo, tendo como corpus os dois diários pessoais. A pesquisa foi realizada por meio da leitura sistemática dos textos, da análise de conteúdo e das narrativas, articuladas

ao paradigma indiciário proposto por Carlo Ginzburg. Segundo o autor, o trabalho do historiador consiste em interpretar vestígios, sinais e pequenos detalhes capazes de revelar aspectos mais amplos da realidade histórica. Assim, elementos aparentemente secundários presentes nos diários, como escolhas linguísticas, desenhos, referências literárias, marcas do cotidiano, silêncios, formas de tratamento e modos de narrar, serão compreendidos como indícios que permitem reconstruir experiências, práticas educativas, relações sociais e processos culturais vividos por suas autoras.

Assim, este artigo pretende contribuir para os estudos sobre escrita autobiográfica, memória e narrativa, ampliando a reflexão acerca do valor dos diários pessoais como documentos legítimos para a produção do conhecimento histórico e para a compreensão da realidade escolar entre mulheres pobres e de classes abastadas nos anos de 1950.

2- O paradigma indiciário de Carlo Ginzburg

Entre as contribuições metodológicas mais importantes para esta pesquisa destaca-se o paradigma indiciário desenvolvido por Carlo Ginzburg. No ensaio "Sinais: raízes de um paradigma indiciário", publicado na obra *Mitos, emblemas, sinais*, Ginzburg (1989) demonstra que muitas áreas do conhecimento produzem interpretações não por meio da experimentação direta, mas pela leitura de pequenos vestígios.

Mas o mesmo paradigma indiciário usado para elaborar formas de controle social sempre mais sutis e minuciosas pode se converter num instrumento para dissolver as névoas da ideologia que, cada vez mais, obscurecem uma estrutura social como a do capitalismo maduro. Se as pretensões de conhecimento sistemático mostram-se cada vez mais como veleidades, nem por isso a ideia de totalidade deve ser abandonada. Pelo contrário: a existência de uma profunda conexão que explica os fenômenos superficiais é reforçada no próprio momento em que se afirma que um conhecimento direto de tal conexão não é possível. Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la. (GINZBURG, Carlo, 1989, p. 177)

Segundo o autor, o historiador trabalha de forma semelhante ao médico que realiza um diagnóstico a partir dos sintomas, ao detetive que reconstrói um crime observando pequenas pistas ou ao caçador que identifica a presença de um animal pelas pegadas deixadas no caminho.

O autor argumenta que é muito difícil compreender a realidade de forma completa e direta. Isso não significa, porém, que devemos abandonar a busca por entender a sociedade como um todo. Pelo contrário: mesmo que a realidade seja complexa e não possa ser observada de maneira transparente, existem vestígios, sinais e indícios que permitem ao pesquisador reconstruir essa realidade e compreender suas conexões mais profundas.

A realidade histórica não se apresenta pronta ao pesquisador. Ela precisa ser reconstruída mediante a interpretação de sinais. Essa perspectiva modifica profundamente o trabalho historiográfico, pois desloca a atenção dos grandes acontecimentos para detalhes aparentemente insignificantes. No caso desta pesquisa, cada elemento presente nos diários constitui um indício histórico.

A caligrafia de Indiara, seus desenhos, as flores pintadas nas páginas, as referências literárias, a utilização do latim, o destinatário do diário, a qualidade do papel utilizado, fragmentos do cotidiano e até mesmo o fato de o documento ter sido encontrado entre objetos descartados tornam-se vestígios que permitem compreender

práticas educativas, formas de sociabilidade, padrões culturais e mecanismos de preservação da memória.

Da mesma maneira, em Quarto de Despejo, a repetição constante sobre o tema da fome, as descrições sobre o lixo, a preocupação cotidiana com os filhos, os comentários sobre política, o trabalho como catadora de papel e a insistência em escrever apesar das dificuldades constituem indícios das condições de vida experimentadas por Carolina Maria de Jesus e por milhares de brasileiros submetidos à pobreza urbana. Sob a perspectiva do paradigma indiciário, nenhum desses elementos deve ser interpretado isoladamente. Seus significados emergem do conjunto das evidências e de sua articulação com o contexto histórico.

Assim, analisar essas biografias a partir dos fragmentos dos diários anotados por essas duas mulheres permite abrir uma pequena fresta em seus universos sociais, em suas expectativas sobre a vida e as formas de refúgio possibilitadas por meio da escrita. Essa abordagem mostra-se especialmente adequada para esta pesquisa porque ambos os diários preservam experiências individuais que permitem compreender fenômenos sociais mais amplos. As diferenças de classe, gênero, escolarização e acesso à cultura escrita tornam-se perceptíveis justamente pela análise desses pequenos vestígios.

Desse modo, o paradigma indiciário fornece o principal fundamento metodológico desta investigação. Mais do que analisar o conteúdo dos diários, busca-se interpretar os sinais deixados por suas autoras, compreendendo como suas narrativas revelam práticas educativas, experiências femininas, relações sociais e formas distintas de inserção na cultura escrita brasileira da década de 1950.

3- O diário de Indi

O diário de Indi, encontrado no lixo de uma residência em Uberlândia em 1999, carrega desde sua origem um simbolismo poderoso. Trata-se de um texto escrito em 1954, endereçado a Régis.

Régis aparece no diário como uma figura misteriosa. Apesar de ser a pessoa para quem Indi escreve e ocupar um lugar importante em seus sentimentos, quase não existem informações sobre quem ele foi, sua história ou o que aconteceu depois da relação entre os dois. Mesmo assim, sua presença é marcante e razão de ser dessa escrita. Ele surge como alguém com quem Indi compartilhava pensamentos, emoções e interesses culturais. Isso pode ser percebido pela forma como ela utiliza referências literárias, diferentes idiomas e reflexões pessoais ao longo da escrita, demonstrando que havia entre eles uma relação de proximidade e troca intelectual.

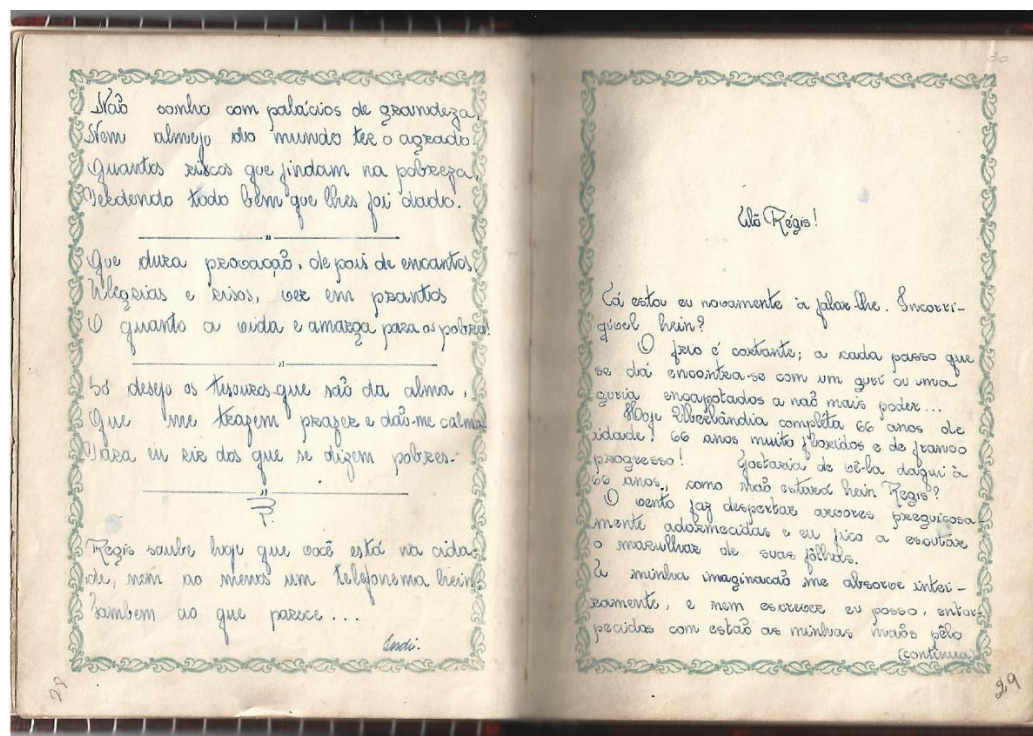
“Alô Régis!

Cá estou eu novamente à falar-lhe. Incorrigível hein?

O frio cortante; a cada passo que se dá encontra-se com um guri ou uma guria encapotados a não mais poder...

Hoje Uberlândia completa 66 anos de idade {31 de Agosto de 1960}, 66 anos muito floridos e de franco progresso!

Gostaria de vê-la daqui a 66 anos, como não estará hein Régis?”



[Print do diário de Indi, pag.28 e pag.29]

A falta de informações sobre Régis evidencia uma característica importante das fontes pessoais: nem todos os indivíduos deixam registros abundantes que permitam reconstituir suas trajetórias de forma completa. Em muitos casos, o que permanece são apenas lembranças, nomes e breves referências, suficientes para revelar sentimentos, vínculos afetivos e aspectos do cotidiano, mas insuficientes para reconstruir integralmente a vida daqueles que aparecem nas narrativas. No caso de Régis, as poucas menções presentes no diário não permitem afirmações conclusivas sobre sua trajetória. Entretanto, à luz da perspectiva da imaginação controlada³, proposta por Natalie Zemon Davis, essas referências podem ser interpretadas em diálogo com o contexto histórico e com as demais evidências documentais, permitindo a formulação de hipóteses plausíveis acerca de sua relevância na narrativa de Indi, sem ultrapassar os limites impostos pelas fontes. Trata-se, portanto, de reconhecer que as lacunas documentais não inviabilizam a pesquisa histórica, mas exigem do pesquisador um exercício interpretativo rigoroso, fundamentado nos indícios disponíveis.

O contexto social registrado no diário permite compreender Indi como uma jovem inserida em um ambiente urbano, pertencente a um grupo social economicamente privilegiado, com amplo acesso à escolarização e às práticas da escrita. Embora o diário não esgote todas as dimensões de sua experiência, ele constitui um testemunho significativo da vivência feminina de uma jovem branca das camadas mais abastadas do interior brasileiro na década de 1950. Seus registros revelam preocupações relacionadas às expectativas amorosas, ao reconhecimento social, à valorização da aprovação masculina e aos papéis de gênero então vigentes.

Conforme observa Philippe Lejeune (2014), os escritos de si não apenas registram acontecimentos, mas também expressam a maneira como o indivíduo constrói sua própria identidade por meio da escrita. Assim, o diário de Indi oferece acesso privilegiado às representações que a autora elaborava sobre si mesma e sobre o mundo que a cercava.

³ Natalie Zemon Davis defende que o historiador não deve inventar fatos, mas também não precisa abandonar a investigação quando encontra essas lacunas. Nesses casos, ele pode formular hipóteses plausíveis, desde que elas sejam: Fundamentadas em documentos históricos; coerentes com o contexto da época; compatíveis com outras evidências disponíveis; apresentadas ao leitor como hipóteses, e não como certezas. Por isso, a imaginação é chamada de controlada: ela é limitada pelas evidências e pelo rigor metodológico. (KIRSCHNER, Teresa Cristina, 2013, p.109) https://publicacoes.unifalmg.edu.br/revistas/index.php/cultura_historica_patrimonio/article/download/08_art_v2n1_kirschner/110?utm_source

Na década de 1950, Uberlândia consolidava-se como um dos principais centros urbanos do Triângulo Mineiro. Favorecida por sua localização estratégica e pelo desenvolvimento do comércio, dos transportes e dos serviços, a cidade passava por um intenso processo de modernização, acompanhado pela expansão de instituições de ensino, espaços culturais e novas formas de sociabilidade urbana. Embora preservasse valores tradicionais relacionados à família e aos papéis de gênero, Uberlândia também refletia as transformações econômicas e culturais que marcaram os chamados "Anos Dourados" no Brasil.

Conforme Lopes (2010), a expansão da ferrovia, o desenvolvimento do comércio e o planejamento urbano contribuíram para a consolidação de Uberlândia como um importante centro regional ao longo da primeira metade do século XX. É nesse contexto que se insere o diário de Indi, cujos registros permitem compreender como uma jovem das camadas mais favorecidas vivenciava a educação, a cultura e as relações sociais em uma cidade do interior mineiro em processo de modernização.

Apesar desse cenário de progresso, persistiram valores tradicionais, especialmente entre os grupos mais conservadores, que defendiam a manutenção da família patriarcal, da moral cristã e da rígida divisão dos papéis de gênero. Entre as maiores preocupações destinadas às mulheres estava a possibilidade de não realizarem um "bom casamento", uma vez que eram educadas, desde a infância, para desempenhar o papel socialmente valorizado de esposa e mãe. Como afirmam Chortaszko e Moreira (2013, p. 7), esse era considerado o "destino natural das mulheres". A leitura do diário permite perceber como essas expectativas sociais permeavam o universo feminino e influenciavam os projetos de vida das jovens daquele período.

Entretanto, nem todas as mulheres aceitaram passivamente essas normas. Algumas escolheram trilhar caminhos distintos daqueles socialmente estabelecidos, desafiando os modelos tradicionais de feminilidade. Conforme destaca Priore (2011, p. 165), "Estas transgrediam fumando, lendo coisas proibidas, explorando sua sexualidade nos bancos dos carros, discordando dos pais e abrindo mão da virgindade, e por vezes do casamento, para viver um grande amor". Ao romperem com os padrões impostos, buscavam afirmar maior autonomia sobre suas escolhas e seus corpos.

Apesar de, em determinados círculos, essas atitudes despertarem admiração por representarem coragem e independência, as consequências sociais eram severas. A possibilidade de contrair um casamento considerado vantajoso diminuía

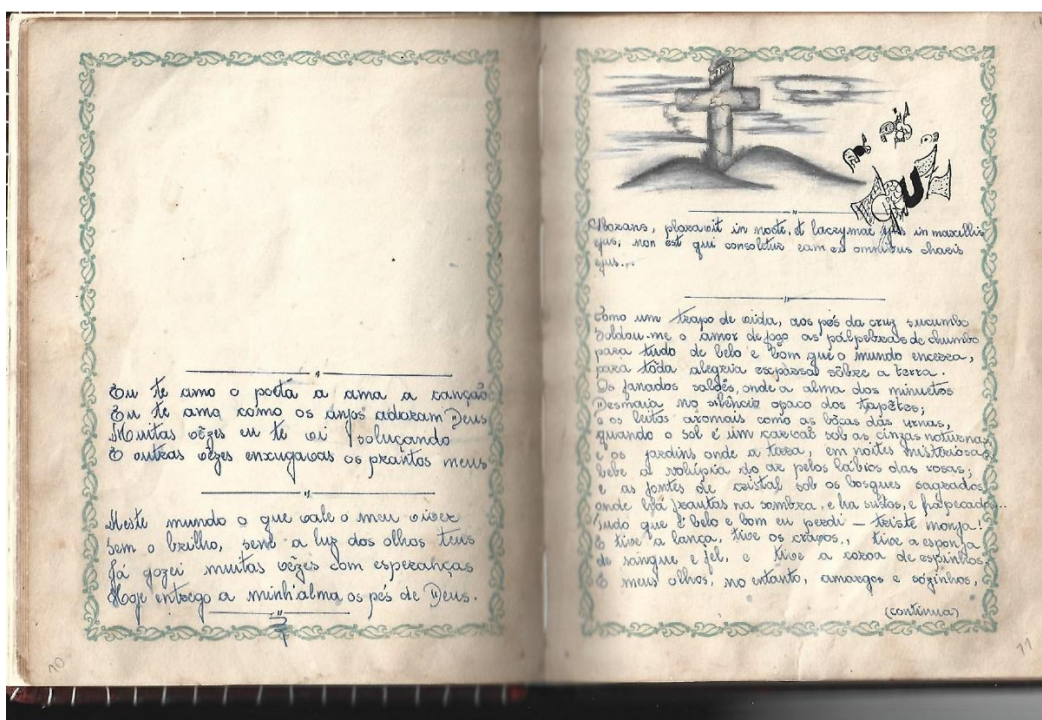
significativamente, uma vez que prevalecia o ideal da virgindade feminina como requisito para o matrimônio. Como observa PINSKY (2004, p. 613), apenas uma minoria dos homens aceitava casar-se com uma mulher "deflorada por outro". Essa exigência evidencia a desigualdade existente nas relações de gênero, pois, enquanto os homens desfrutavam de maior liberdade sexual, esperava-se que as mulheres preservassem uma conduta moral considerada irrepreensível. Muitas vezes, comportamentos mais liberais eram estimulados pelos próprios namorados, mas dificilmente seriam aceitos caso a mulher demonstrasse ter vivenciado experiências semelhantes em relacionamentos anteriores.

Sob a perspectiva da História da Educação, o diário de Indi revela indícios de uma formação intelectual que ultrapassava os limites da escolarização elementar. A presença de anotações em diferentes idiomas sugere práticas educativas voltadas ao ensino de línguas estrangeiras, elemento que, naquele contexto, funcionava como marcador de distinção cultural e social. O estudo do latim, em especial, estava associado a determinados currículos escolares e religiosos, acessíveis a parcelas restritas da população, o Latim fazia parte da formação geral do ensino secundário, especialmente durante o ginásio. No segundo ciclo, sua continuidade dependia da escolha pelo curso clássico. Naturalmente, isso não significa que todos os brasileiros da década de 1950 soubessem Latim. O ensino secundário ainda não era uma experiência universal. Mas, entre aqueles que frequentavam o ginásio, o Latim fazia parte da formação escolar prevista oficialmente⁴.

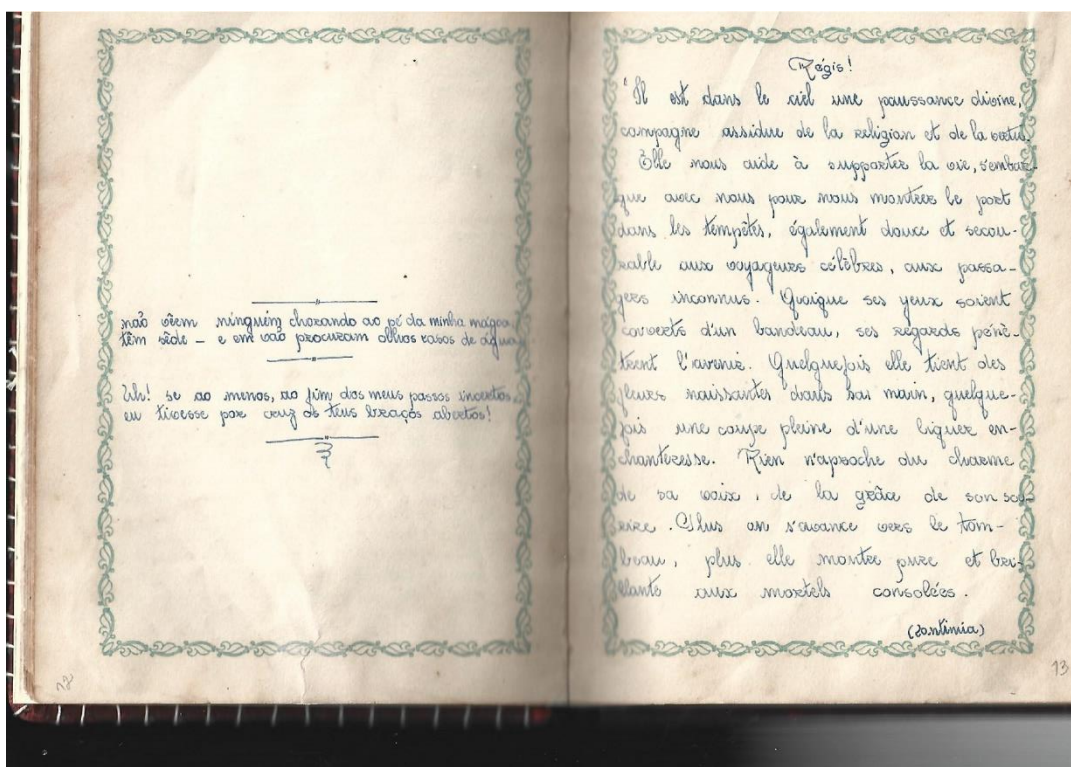
A partir do paradigma indiciário de Carlo Ginzburg, esses elementos podem ser compreendidos como vestígios que permitem reconstruir aspectos da formação educacional da autora e do universo sociocultural em que estava inserida.

Além da escrita, o diário reúne desenhos e pinturas produzidos pela própria Indiara, que não desempenham apenas função decorativa, mas constituem formas de expressão artística, sensível e subjetiva.

⁴ A presença do Latim na formação escolar de estudantes brasileiros na década de 1950 deve ser compreendida no contexto da organização do ensino secundário estabelecida pela Reforma Capanema. O Decreto-Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942, determinava a presença da disciplina de Latim nas quatro séries do curso ginasial e, posteriormente, nas três séries do curso clássico. Desse modo, referências à língua latina encontradas em escritos produzidos por estudantes daquele período podem ser relacionadas às práticas escolares e ao modelo de formação humanística então vigente (BRASIL, 1942).



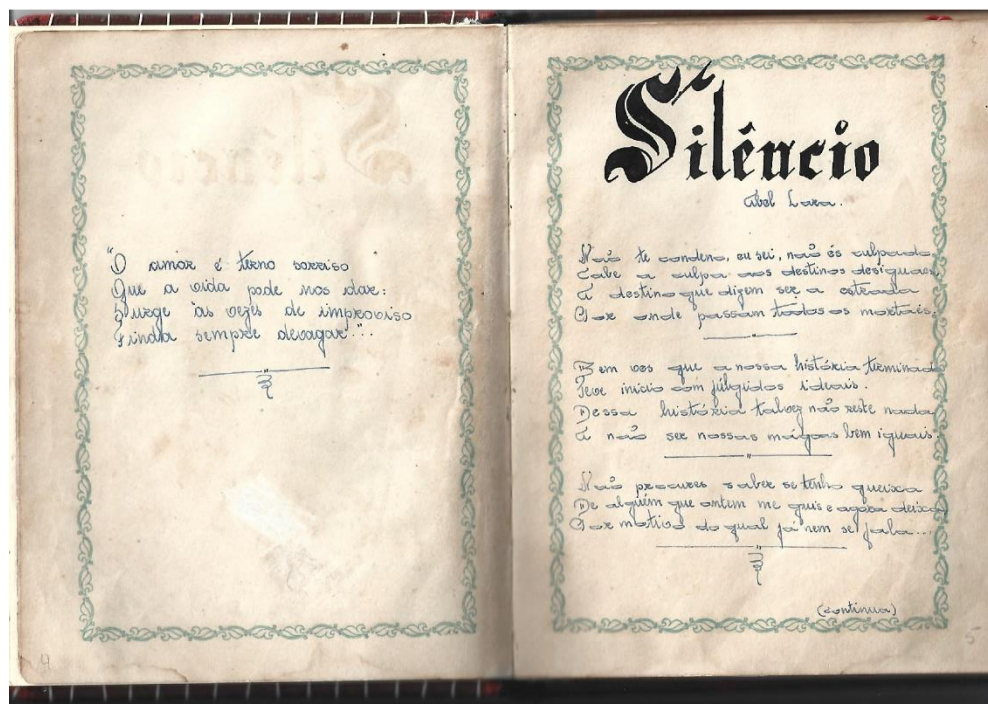
[Print do diário de Indi, pag.10 e pag.11]



[Print do diário de Indi, pag.12 e pag.13]

Esses registros visuais ampliam as possibilidades de interpretação da fonte, evidenciando maneiras pelas quais a autora representava a si mesma e o mundo ao seu redor.

Do mesmo modo, a transcrição de poemas de Abel Lara⁵, Victor Hugo⁶, Augusto dos Anjos⁷ e Castro Alves⁸ demonstra um intenso diálogo com a literatura e indica práticas de leitura compatíveis com uma formação cultural valorizada entre determinados grupos sociais da época.



[Print do diário de Indi, pag.4 e pag.5]

⁵ Abel Lara nasceu em 16/11/1924 em Resende Costa – MG. Em 1953, publicou Alma Atormentada, livro de sonetos e poemas, Professor, jornalista, poeta/trovador, seu primeiro livro foi "Alma Atormentada", em 1953. Foi uma figura proeminente na cultura de Resende Costa. Faleceu no dia 19 de junho de 2013. <https://www.ufmg.br/comunicacao/assessoria-de-imprensa/releases/ensino/poesia-reunida-de-abel-lara-e-organizada-em-nova-obra-de-professor-da-ufmg/>

⁶ Victor-Marie Hugo nasceu em Besançon, 26 de fevereiro de 1802 – Paris, 22 de maio de 1885, foi um romancista, poeta, dramaturgo, ensaísta, artista, estadista e ativista pelos direitos humanos francês de grande atuação política em seu país. <https://blog.literaturaclassica.com.br/autores/victor-hugo-vida-e-obra-do-grande-escriptor-frances/>

⁷ Augusto dos Anjos (1884-1914) foi um poeta brasileiro, considerado um dos poetas mais críticos de sua época. Foi identificado como o mais importante poeta do Pré-modernismo, embora revele em sua poesia, raízes do Simbolismo, retratando o gosto pela morte, a angústia e o uso de metáforas. Sua obra poética está resumida em um único livro "EU", publicado em 1912. https://www.ebiografia.com/augusto_anjos/

⁸ Castro Alves (1847-1871) foi um poeta brasileiro, representante da Terceira Geração Romântica no Brasil. "O Poeta dos Escravos" expressou em suas poesias a indignação aos graves problemas sociais de seu tempo. É patrono da cadeira n.º 7 da Academia Brasileira de Letras. https://www.ebiografia.com/castro_alves/.

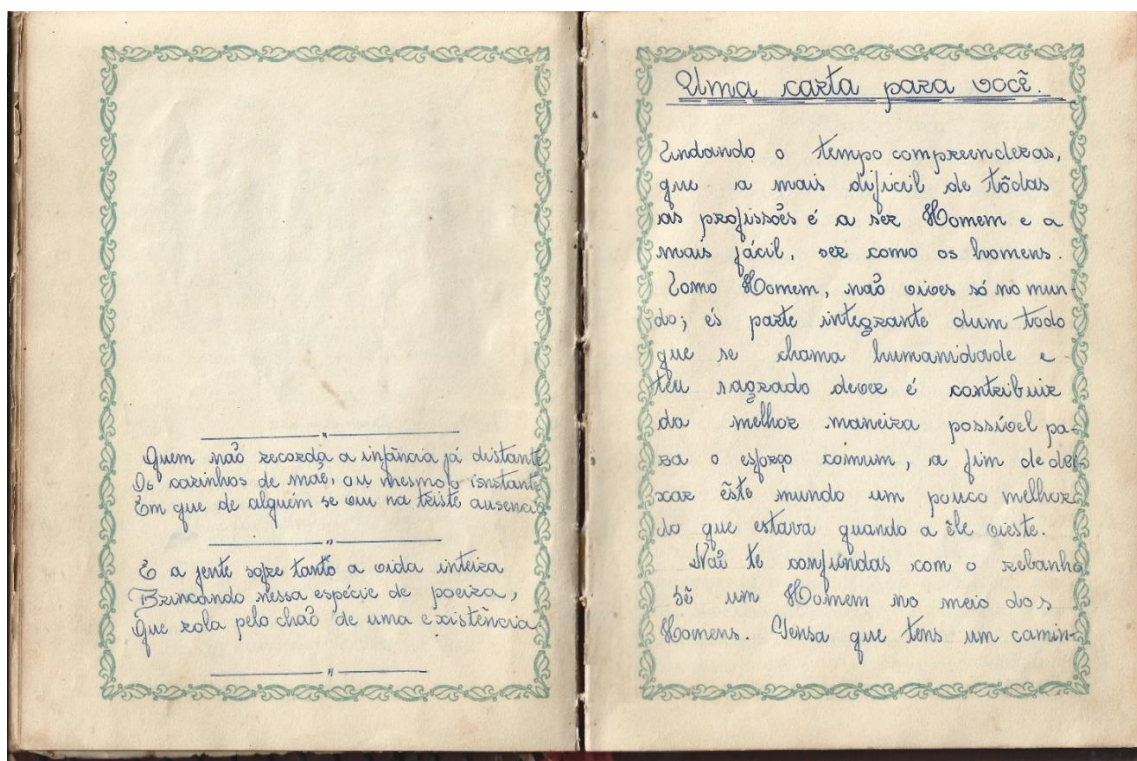
A presença desses autores sugere não apenas o acesso aos livros e à cultura escrita, mas também a apropriação de referências literárias que contribuíram para a construção da sensibilidade, da identidade e da visão de mundo da autora. Segundo Lucélia Carlos Ramos (2002)

A partir da década de 1930, a concepção de educação feminina se transforma, e a mulher ganha mais espaço na escola, desenvolvendo atividades como música e artes. Por isso, as famílias bem situadas financeiramente davam grande importância ao Curso Normal, pois, à época, ter uma filha formada e profissional da educação era sinônimo de status. (RAMOS, 2002, **apud** GATTI; FILHO, 2011, p. 111).

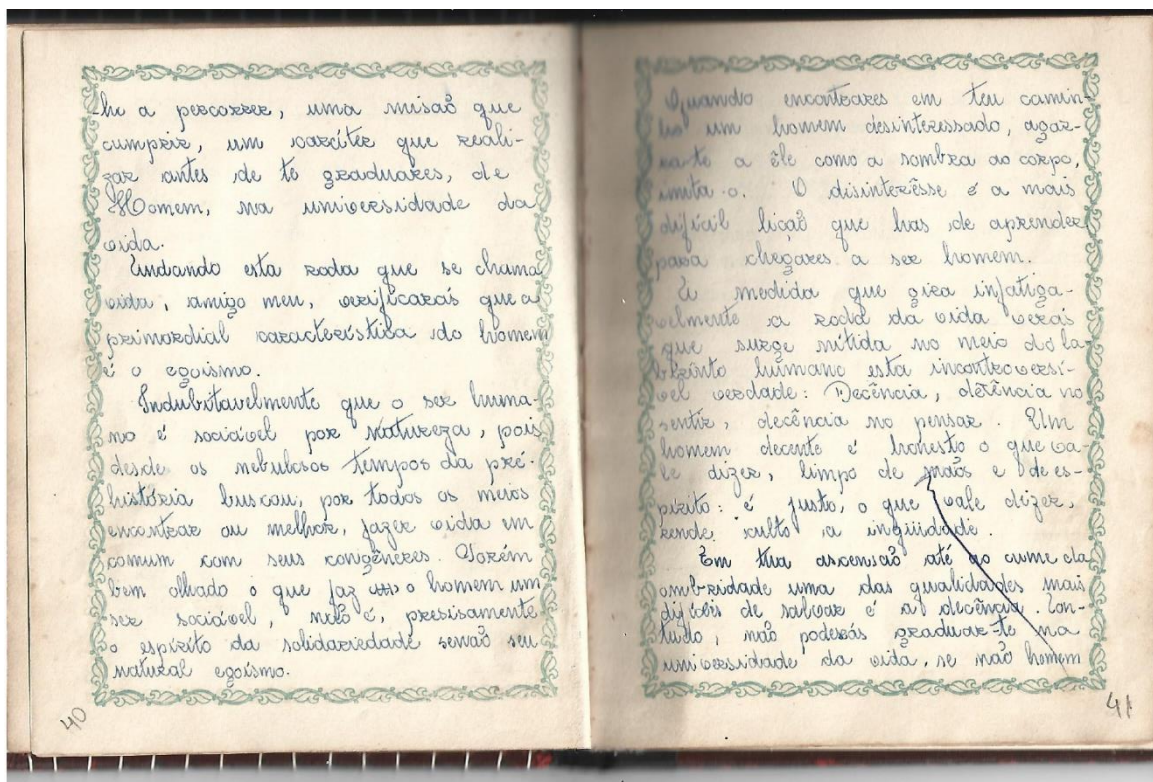
Diferentemente do diário tradicional, voltado ao próprio eu, o de Indi assume a forma de um diálogo íntimo à distância. Suas páginas funcionam como um espaço de manutenção do vínculo amoroso, onde a escrita substitui a presença física e ajuda a amenizar a separação imposta pelas circunstâncias.

A condição de descarte desses escritos também evidencia a seletividade inerente aos processos de construção da memória. Philippe Artières (1998) argumenta que a conservação dos documentos não é neutra: enquanto arquivos oficiais são produzidos e preservados por instituições, os escritos pessoais frequentemente permanecem à margem desse processo, tornando-se vulneráveis ao esquecimento. Quando sobrevivem, isso ocorre, em grande medida, por contingências e acasos. Dessa forma, a preservação de um diário pessoal representa uma oportunidade de acessar narrativas que escapam aos registros institucionais, ampliando as possibilidades de compreensão histórica ao incorporar vozes e experiências do cotidiano.

Nesse contexto, a preservação do diário de Indi adquire um significado particular. O fato de esse escrito não ter sido perdido ou destruído permitiu que uma narrativa produzida no âmbito da vida privada se transformasse em fonte histórica, oferecendo indícios sobre práticas de leitura, escrita, sociabilidade e educação em Uberlândia na década de 1950. Assim, aquilo que poderia ter sido apenas mais um escrito destinado ao esquecimento converte-se em documento capaz de ampliar a compreensão do passado.



[Print do diário de Indi, pag.38 e pag.39]



[Print do diário de Indi, pag.40 e pag.41]

4. Quarto de Despejo: Escrita, Denúncia e Sobrevivência

A literatura brasileira apresenta diversas obras que retratam a desigualdade social, porém poucas possuem a intensidade e autenticidade presentes em *Quarto de Despejo*: diário de uma favelada, de Carolina Maria de Jesus. Publicado em 1960, o livro reúne registros do cotidiano da autora na favela do Canindé, em São Paulo, durante a década de 1950. Se para uma mulher branca de classe média o mundo das letras nos anos de 1950 era restrito, para uma mulher preta, favelada e catadora de lixo era inacessível. Mas, Carolina Maria de Jesus inverteu essa lógica cruel imposta a pessoas como ela.

Carolina que nasceu em Sacramento, Minas Gerais em 14 de março de 1914, filha de Maria Carolina, conhecida como Cota, e pai desconhecido, frequentou o colégio Allan Kardec por apenas dois anos, entre 1923 e 1925, só frequentou a escola por insistência de Maria Leite Monteiro de Barros, patroa da mãe de Carolina, mas seus estudos foram interrompidos quando sua mãe decide mudar-se com o homem que viria a ser o seu padrasto, para trabalharem em uma fazenda fora da cidade. Sua baixa escolaridade, contudo, não a impediu de possuir forte senso crítico e de estudar posteriormente sozinha: “Dona Maria Leite insistiu com a mamãe para enviar-me à escola. Eu fui apenas para averiguar o que era escola.” (JESUS, 1986; p.138)

Ao longo da vida, Carolina viveu uma espécie de nomadismo, migrando de cidade em cidade — Sacramento/MG; Lajeado/MG; Franca/SP; Uberaba/MG; Ribeirão Preto/SP; Orlandia/SP — até, finalmente, fixar-se na capital paulista após a morte de sua mãe, em 1937. Lá, chegou a trabalhar como empregada doméstica, mas acabou se firmando como catadora de papel. Lia assiduamente qualquer livro que lhe caísse nas mãos e guardava revistas e cadernos para que pudesse escrever em suas folhas.

Conhecida como porto do Sertão, Sacramento tornou-se ainda nas primeiras décadas do século XIX, uma espécie de entroncamento de produtos agropecuários e de escravos. A cidade experimentava um ciclo de desenvolvimento econômico que refletia as transformações que se verificavam em Uberaba, situada no Triângulo Mineiro, que integrava naquele momento a rota de abastecimento de alimentos destinados ao centro-sul. (LOURENÇO, 2002, p. 229).

A obra apresenta um relato autobiográfico marcado pela pobreza extrema, pela fome e pela luta diária pela sobrevivência. Carolina descreve a precariedade da vida na

favela e as dificuldades enfrentadas para sustentar seus três filhos⁹. Em determinado momento, a autora registra: “Hoje não temos nada para comer. Queria convidar os filhos para suicidar-nos.” (JESUS, 2014, p. 32).

Essa passagem evidencia a dimensão dramática da fome e da exclusão social vividas pela autora e por milhares de moradores das favelas brasileiras. Carolina Maria de Jesus utiliza a metáfora do “quarto de despejo” para descrever a posição social dos moradores das favelas. Para ela, a cidade funcionava como uma casa em que os pobres eram colocados no espaço destinado aos objetos indesejados. A autora afirma:

Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristal, seus tapetes de veludo, almofadas de cetim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo. (JESUS, 2014, p. 37).

Essa metáfora expressa de forma clara a exclusão social vivida pelos moradores das periferias urbanas. Diferentemente do diário de Indi, Quarto de Despejo ultrapassa o âmbito privado e assume uma dimensão coletiva e política.

[...] Eu classifico São Paulo assim: O Palacio, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos. (JESUS, 2014, p. 32).

A vida no Canindé narrada por Carolina é suja, violenta, repleta de doenças, alcoolismo e fome. E a fome é um elemento muito importante na obra de Carolina.

“Um operário perguntou-me:
- É verdade que você come o que encontra no lixo?
- O custo de vida nos obriga a não ter nojo de nada.
- Temos que imitar os animaes.” (JESUS, 2014, p. 112)

Mesmo diante das dificuldades, Carolina Maria de Jesus encontrou na escrita uma forma de expressão e resistência. Seu diário demonstra que a educação não se limita ao espaço escolar, mas pode ocorrer também em experiências cotidianas de leitura, reflexão e produção textual: “O meu sonho era escrever.” (JESUS, 2014, p. 197). Esse trecho evidencia como a escrita funcionava como um meio de construção de identidade e de afirmação pessoal. Para Carolina, escrever significava registrar sua experiência e

⁹ Em 1948, 1950 e 1953, nascem, respectivamente, seus filhos João José de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus, todos de pais diferentes e ausentes. (FARIAS, 2018, P.156)

denunciar as injustiças sociais que presenciava, não se tratava de uma escrita para passar o tempo, mas uma escrita para matar a fome, literal e simbolicamente.

Além disso, o diário demonstra que a autora possuía uma visão crítica sobre a sociedade, refletindo sobre política, desigualdade e as condições de vida na favela. Esse aspecto reforça a ideia de que a exclusão social não significa uma exclusão intelectual, os processos educativos ocorrem, muitas vezes, fora do ambiente escolar formal. A exclusão, para Carolina, era um fator de aprendizado político.

Outro aspecto relevante da obra é a relação entre pobreza e acesso à educação. A fome aparece frequentemente no diário como um obstáculo central à dignidade e ao desenvolvimento humano. Em um dos trechos mais conhecidos da obra, Carolina escreve: “A fome é amarela. Quando estou com fome vejo tudo amarelo”. (JESUS, 2014, p. 44).

A frase revela o impacto da fome na vida cotidiana e evidencia como a precariedade das condições materiais dificulta o acesso a oportunidades educacionais. Para muitos moradores da favela, a prioridade era garantir a sobrevivência, o que frequentemente impedia a continuidade dos estudos. Sob a perspectiva da História da Educação, essa realidade demonstra como as desigualdades sociais estruturais afetam diretamente os processos educacionais.

Os registros presentes em *Quarto de Despejo* podem ser compreendidos como uma importante fonte histórica para o estudo da educação brasileira nas décadas de 1950 e 1960. Nesse período, embora o país vivenciasse um processo de expansão da rede escolar, o acesso à educação permanecia profundamente desigual, especialmente para a população pobre, negra e residente nas periferias urbanas. A precariedade das condições de vida fazia com que a sobrevivência cotidiana frequentemente se sobrepusesse à permanência na escola, restringindo as oportunidades educacionais de grande parcela da população. Como observa Romanelli (2014), o desenvolvimento do sistema educacional brasileiro ocorreu de forma desigual, acompanhando as profundas disparidades econômicas e sociais do país.

Nesse contexto, o diário de Carolina Maria de Jesus evidencia que os processos educativos não se restringem ao espaço escolar. Embora tenha frequentado a escola por pouco tempo, a autora construiu sua formação por meio da leitura, da escrita e da observação crítica da realidade social. Seus registros demonstram que a educação também se desenvolve em espaços não formais, permitindo a construção de

conhecimentos, de consciência política e de uma compreensão crítica das desigualdades vivenciadas. Assim, *Quarto de Despejo* amplia as possibilidades de investigação da História da Educação ao revelar experiências educativas produzidas fora das instituições escolares, incorporando a perspectiva de sujeitos historicamente marginalizados.

A narrativa de Carolina Maria de Jesus revela aspectos da vida cotidiana na favela, permitindo compreender as relações entre pobreza, trabalho, família e educação. Ao registrar sua experiência, a autora contribui para ampliar o campo de investigação da História da Educação, incorporando perspectivas provenientes das classes populares.

Segundo Saviani (2021), a organização da educação brasileira acompanhou o próprio processo de desenvolvimento da sociedade, refletindo suas desigualdades estruturais. Dessa forma, embora o ensino público tenha se expandido ao longo do século XX, o acesso à educação permaneceu desigual entre os diferentes grupos sociais. Essa realidade pode ser observada em *Quarto de Despejo*, no qual Carolina Maria de Jesus demonstra que a pobreza, a fome e a necessidade de garantir a sobrevivência constituíam obstáculos permanentes ao acesso e à permanência na escola.

Nesse sentido, a obra evidencia a importância de considerar fontes autobiográficas e relatos pessoais para compreender os processos educacionais vividos por grupos historicamente marginalizados.

5. COMPARAÇÃO ENTRE OS DIARIOS

Apesar das diferenças sociais, há pontos de convergência significativos entre os dois diários. Ambos são escritos por duas mulheres mineiras, durante os anos de 1950, em uma sociedade patriarcal, onde as possibilidades femininas eram limitadas. A escrita surge, nos dois casos, como um espaço de liberdade e afirmação subjetiva.

Indi escreve para amar e esperar. Carolina escreve para denunciar e (re)existir. Em ambas, o diário é um instrumento de existência, uma forma de dizer “eu estou aqui”. As divergências, no entanto, são marcantes. Enquanto o diário de Indiara se constrói a partir da intimidade amorosa e do cotidiano privado, o de Carolina assume uma dimensão social e política. A linguagem de Indiara, pode ser associada ao tom confessional e afetivo típico das jovens de classe alta da época. Carolina, por sua vez, escreve com uma linguagem direta, muitas vezes dura, marcada pela urgência da fome e pela observação crítica da desigualdade.

O destino desses dois diários também revelam muito sobre os mecanismos de legitimação cultural. O texto de Indiara foi descartado, lançado ao lixo e salvo apenas pelo acaso. O de Carolina, embora inicialmente marginal e fadado também ao lixo, foi, antes disso, reconhecido, publicado e celebrado. Essa diferença não diminui o valor do diário de Indiara; ao contrário, evidencia quantas vozes femininas foram apagadas ou ignoradas, seja porque eram escritas de caráter íntimo e privado ou por não se encaixarem nos critérios do mercado editorial ou do cânone literário.

Assim, a comparação entre esses dois diários nos permite compreender não apenas duas trajetórias individuais, mas também as desigualdades de classe, gênero e visibilidade que atravessam a produção cultural brasileira. O diário de Indiara, mesmo anônimo, é um documento histórico e afetivo precioso, que dialoga silenciosamente com o de Carolina Maria de Jesus. Juntos, eles revelam que, seja no lixo ou nas estantes das livrarias, a escrita feminina dos anos 1950 carrega uma força de testemunho que desafia o esquecimento.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A presente pesquisa buscou compreender as potencialidades dos diários pessoais como fontes para a História da Educação, tomando como objeto de análise o diário inédito de Indi e a obra *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus. Embora produzidos em contextos sociais distintos, ambos os escritos revelam experiências educativas que ultrapassam os limites da escolarização formal, permitindo compreender como diferentes sujeitos construíram saberes, identidades e formas de interpretar o mundo a partir de suas vivências.

A análise demonstrou que os diários constituem documentos capazes de revelar aspectos do cotidiano que dificilmente seriam encontrados na documentação oficial. As narrativas registram sentimentos, práticas culturais, relações familiares, expectativas, leituras, experiências escolares e formas de sociabilidade, ampliando as possibilidades de investigação da História da Educação ao incorporar perspectivas individuais sobre processos históricos mais amplos. Nesse sentido, os escritos de si evidenciam que a educação se desenvolve em múltiplos espaços, incluindo a família, a comunidade, as práticas de leitura, a produção escrita e as experiências cotidianas.

A pesquisa também evidenciou que as condições sociais influenciaram profundamente as trajetórias educacionais das autoras. Enquanto o diário de Indiara Artiaga revela o acesso à escolarização, ao ensino de idiomas, à literatura e às práticas artísticas, características de uma jovem inserida em uma família economicamente favorecida no contexto da Uberlândia da década de 1950, *Quarto de Despejo* expõe os obstáculos impostos pela pobreza, pela fome e pela exclusão social à escolarização de Carolina Maria de Jesus. Apesar dessas diferenças, ambas utilizaram a escrita como forma de registrar suas experiências e atribuir significados ao mundo que as cercava.

Do ponto de vista metodológico, o diálogo com Philippe Lejeune permitiu compreender o diário como uma forma de escrita de si, marcada pela construção da subjetividade e da identidade. As reflexões de Philippe Artières contribuíram para reconhecer a importância da preservação dos escritos pessoais, frequentemente destinados ao esquecimento, mas capazes de se transformar em valiosas fontes históricas. O paradigma indiciário de Carlo Ginzburg orientou a leitura dos vestígios presentes nas narrativas, possibilitando relacionar pequenas evidências do cotidiano a processos históricos mais amplos. Por sua vez, a perspectiva da imaginação controlada,

proposta por Natalie Zemon Davis, mostrou-se fundamental para lidar com as lacunas inerentes às fontes, permitindo formular interpretações plausíveis sem ultrapassar os limites impostos pela documentação.

Ao aproximar dois diários produzidos em realidades sociais tão distintas, esta pesquisa demonstra que a História da Educação pode ser enriquecida pela incorporação de fontes autobiográficas, capazes de revelar experiências que frequentemente permanecem invisíveis nos documentos oficiais. Enquanto Carolina Maria de Jesus oferece uma perspectiva sobre os processos educativos vividos por uma mulher negra e pobre na periferia de São Paulo, o diário de Indiara Artiaga amplia a compreensão sobre a formação cultural, escolar e afetiva de uma jovem pertencente às camadas mais favorecidas do interior mineiro.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua para ampliar o reconhecimento dos escritos pessoais como fontes legítimas para a pesquisa histórica e incentive novas investigações sobre diários, cartas e demais registros autobiográficos. Ao valorizar essas narrativas, torna-se possível construir uma História da Educação mais plural, sensível às experiências individuais e atenta à diversidade de sujeitos que participaram da formação da sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.
- BRASIL. Decreto-Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942. Lei Orgânica do Ensino Secundário. Rio de Janeiro, 1942. <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del4244.htm?utm_source=com>
- CHORTASZKO, Diane Saggiorato; MOREIRA, Rosemeri. Mulher e família nos anos dourados: os anúncios publicitários da Revista Grande Hotel (1958 – 1961). 9º Encontro Nacional de História da Mídia. Ouro Preto, Minas Gerais, 2013.
- CUNHA, Maria Tereza. Territórios abertos para a História- O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Nas margens: três mulheres do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FARIAS, Tom. Carolina Uma Biografia. Rio de Janeiro: Malê, 2018
- GATTI, Giseli Cristina do Vale; FILHO, Geraldo Inácio. Cidade urbanizada e o espaço escolar do Ginásio Mineiro de Uberlândia de fins do século XIX à primeira metade do século XX. *Cadernos de História da Educação*, v.10, n.1, 2011.
- GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, 4ª reimpressão.
- JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986
- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto do despejo*: diário de uma favelada. São Paulo: Atica, 2014
- LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- LOPES, Valéria Maria Queiroz Cavalcante. *Uberlândia: história por entre trilhas, trilhos e outros caminhos*. Uberlândia: EDUFU, 2010.
- PINSKY, Carla Bassanezi. A era dos modelos rígidos. In: PINSKY, Carla B.; PEDRO, Joana M. (Org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 469 – 512.
- PRIORE, Mari del. *Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. *História da educação no Brasil (1930-1973)*. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2014

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2021.

Apêndice

Quando Indira Encontrou Carolina (Poema autoral)

Dizem que o papel é frágil, que o tempo o devora.
Mas há palavras que o tempo não consegue mastigar.

Numa tarde que não pertence a nenhum calendário,
entre o barulho distante de uma cidade e o murmúrio do vento nas folhas velhas,
duas mulheres se encontraram.

Carolina veio com suas mãos calejadas e os olhos cheios de mundo.
Trazia papéis amassados, sujos, recolhidos do lixo —
suas armas contra a fome, sua voz contra o esquecimento.

Indira chegou com um caderno costurado, flor nos dedos e tinta azul nas unhas.
Trazia amor demais, e uma ausência que nunca cessava.

Carolina olhou para o diário de Indira e sorriu:
— O teu lixo foi o teu destino, menina. O meu, o meu começo.
Indira baixou os olhos, como quem entende sem palavras.
E respondeu:
— No fim, escrevemos para não morrer, não é?

As duas riram.
O riso delas tinha o som do papel sendo virado —
o som da vida que insiste em continuar mesmo quando o mundo a descarta.

E ali, entre o pó e a eternidade,
Carolina e Indira compreenderam o segredo do lixo:
ele é o ventre onde a memória se refaz.
Tudo o que o mundo joga fora, o tempo devolve com outro nome —
o nome da resistência.

ANEXOS



De o amplo céu do amor, alto, inconstante e vago
Uma noite eu sonhei que minha alma era um lago.



Saudade...

Saudade, o olhar perdido no horizonte
Buscando na alma sombras do passado...
Sentir um peso acalunhando a fronte,
É o coração em dozes suspirado.

Saudade de suspiros seca fonte...
Folhas soltas de um livro desfolhado...
Saudade se agiganta a uma ponte
Que une o pretérito presente estado



Não como com palácios de grandeza,
Nem almejo do mundo ter o agrado.
Quanto mais que findam na pobreza,
Medendo todo bem que lhes foi dado.

Que dura provocação, de pois de encantos,
Allegrias e risos, vez em prantos.
O quanto a vida é amarga para os pobres.

Só desejo os tesouros que não dá alma,
Que me façam prazeres e não me calma.
Para os risos dos que se dizem pobres.

Régis soube logo que você está na cidade,
de, não ao menos um telefonema hein?
Também ao que parece...

Indi.

O Régis!

Estou eu novamente a falar-lhe. Inconveniente hein?

O feio é constante; a cada passo que se dá encontra-se com um guru ou uma guruza encorpados a não mais poder...

Olhe, Elberlândia completa 66 anos de idade; 66 anos muito floridos e de franco progresso! Gostaria de vê-la daqui a 66 anos, como não estaria hein Régis?

O vento faz despertar arvores preguiçosamente adormecidas e eu fico a escutar o murmurar de suas folhas.

A minha imaginação me absorve inteiramente, e nem escrever eu posso, então, peidas com estão as minhas mãos pelo

(continua)

ho a percorrer, uma missão que cumprir, um carácter que realizar antes de te graduares, de Homem, na universidade da vida.

Andando esta roda que se chama vida, amigo meu, verificas que a primordial característica do homem é o egoísmo.

Indubitavelmente que o ser humano é sociável por natureza, pois desde os nebulosos tempos da pré-história buscou, por todos os meios, encontrar ou melhor, fazer vida em comum com seus congêneres. Porém bem olhado o que faz do homem um ser sociável, não é, precisamente, o espírito da solidariedade senão sim, natural, egoísmo.

Quando encontras em teu caminho um homem desinteressado, agarra-te a ele como a sombra ao corpo, imita-o. O desinteresse é a mais difícil lição que has de aprender para chegares a ser homem.

A medida que gira infatigavelmente a roda da vida, vezes que surge nitida no meio do labirinto humano esta incontestável verdade: Decência, abstenção no sentir, decência no pensar. Um homem decente é honesto o que vale dizer, limpo de maos e de espíritos: é justo, o que vale dizer, rende culto à inquietude.

Em tua ascensão até ao cumme da ombriedade uma das qualidades mais difíceis de salvar é a abstinência. Contudo, não poderás graduarte na universidade da vida, se não homem

dilator o verelugo. S'ningum milhao
 que tu mesmo pode pendurar no
 sacrificio de teu coracao.
 Tu sabes onde existe; e o
 lugar de tua queda, morde ali
 tus labios até sangres-las e ce-
 rai que de tua destra sur-
 ge unica victoria.

————
 ? Indivara S. Asting

Elegia Supplicio

S'ningum jamais se viu assim desceute,
 E meu de incerteza abatido,
 Sem procurar, na turba sorridente,
 A causa de erros incompreendido.

————
 Progo no rosto os traços de demente
 Sujeito na garganta um ai doído
 Eu, que sorri na mocidade ardente
 Agora agora estar envolvido.

————
 Quisera a pedra do altar mais puro
 Dos sonhos meus e me tornei pequeno,
 Entre o instante do ideal sagrado.

Je puisse enfin prair pour ces cœurs ingénu!
 ————
 Sais que je revais aussi les jours saouges.
 Ors du puits où j'allais me mirer, chaque jour
 Nos paisibles troupeaux, dans les verts pâturages,
 Et le ruisseau si franc des hommes de labour!

————
 Sais qu'il jasse bien, que les feuilles soient mûres.
 Que le pail zuisse au rangle de jour et nuit,
 Que je retrouve encore, flétri sous leur dorure,
 Sans mes foyers brisés qui ne font plus de bruit!

————
 Sais que des bestes venent toujours la table.
 Oi j'écravais, jadis, mes leçons, chaque soir,
 Et qu'une voix amie, une voix d'antan me
 Chante, pour m'endormir, un air au du bois.

————
 ?



Primos

De braços os primos contentes
 Dançavam pelo jardim,
 Diz priminha, o que sentes?
 Tu gostas mesmo de mim?

————
 (continua)

